

## Os devires da imagem e da palavra nas relações entre o cinema e o cordel

Marco Túlio Uihôa<sup>1</sup>



### Resenha

DEBS, Sylvie. *Cinema e Cordel: jogo de espelhos*. Fortaleza: Interarte Editora / Lume Filmes, 2014. 256 p.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa de Estudo de Cinema e Audiovisual. Mestre em Comunicação pela UFF. Especialista em Produção e Crítica Cultural pela PUC Minas e graduado em Jornalismo pela PUC Minas.

**E-mail: [mtulhoa@gmail.com](mailto:mtulhoa@gmail.com)**

O desejo de explorar as possíveis relações entre o cinema e as formas tradicionais de expressão artística da cultura popular do nordeste brasileiro foi algo que impactou diretamente o imaginário de toda uma geração de escritores e artistas que se engajaram na preservação e na divulgação da cultura e das artes nordestinas. Foi o caso do escritor, poeta e dramaturgo, Ariano Suassuna, que já na primeira metade do século XX idealizava o encontro do cinema com a estética sertaneja. No ensaio *Cinema e Sertão*, publicado em 1972, Suassuna relata o seu primeiro encontro com o cineasta Glauber Rocha, em 1958. Ao ser entrevistado pelo diretor baiano, o escritor aborda o teor da conversa sobre a importância de se estabelecerem confluências entre o cinema e o teatro nordestinos, em busca de que fossem traçadas novas perspectivas para o cinema brasileiro, em um momento histórico que, não por acaso, precedia o lançamento de *Aruanda* (1960), de Linduarte Noronha. O que Ariano Suassuna ainda não sabia é que, anos mais tarde, seria o próprio Glauber Rocha o principal responsável por realizar aquilo que nem mesmo o Movimento Armorial conseguiu sistematizar como uma aproximação consistente entre o cinema, a literatura de cordel e o teatro épico.

Do início dos anos 60 até os dias de hoje, para além do pioneirismo de Glauber e do Cinema Novo, a sétima arte e a literatura brasileira se aproximaram de forma consistente, apontando encontros multilaterais entre a cinematografia nacional e a literatura popular nordestina. Por sua vez, este potente encontro entre duas linguagens se tornou o campo de estudo ao qual se dedica o trabalho de pesquisa de Sylvie Debs, doutora em literatura comparada pela Universidade Le Mirail de Toulouse. Após a publicação de *Patativa do Assaré* (2000), *Cinema e literatura no Brasil – Os mitos do sertão: emergência de uma identidade nacional* (2002) e *Brésil, l'atelier des cinéastes* (2004), a pesquisadora radicada na França expõe em sua mais recente publicação, o livro *Cinema e cordel: jogo de espelhos* (2014), o primeiro volume do resultado de uma pesquisa realizada no Brasil entre dezembro de 2005 e abril de 2006. Ainda mais aprofundado nas questões sugeridas pelas suas investigações anteriores, o atual estudo dedica-se à estabelecer relações entre a sétima arte e a literatura de cordel, realizando um trabalho de impacto não só teórico, ao aproximar as questões conceituais que envolvem essas duas formas artísti-

cas, como também histórico e memorial, ao revelar os trajetos confluentes entre a cinematografia nacional e um vasto material bibliográfico composto pela produção artesanal de cordéis. Para isso, Sylvie Debs consultou acervos bibliotecários e cinematográficos, além de entrevistar cordelistas, poetas populares, críticos, atores e diretores de cinema, de modo que tal publicação se divide em ensaios e entrevistas com personagens como Nelson Pereira dos Santos, Eduardo Escorel, Zelito Viana, Geraldo Sarno, Sérgio Ricardo, Orlando Senna, Antonio Barreto, Franklin Machado, José Lourenço, J. Borges, Gonçalo Ferreira da Silva, entre outras personalidades.

A aproximação entre o cinema e o folheto de cordel realizada por Sylvie Debs é mais do que parte de um simples acordo temático, para ser o fruto de uma análise do encontro conceitual entre duas linguagens e das relações que estas estabelecem com a palavra, a imagem, o ritmo e a oralidade. Mais do que privilegiar uma via de mão única, a pesquisadora aborda a reciprocidade da troca entre o cinema e o cordel, revelando a mutualidade das influências estéticas e narrativas que integram o jogo de espelhos ao qual essas duas formas de expressão estão submetidas. Do impacto que a chegada do cinema no Nordeste teve na estrutura da literatura de cordel e na visualidade das suas histórias, até a maneira como os cordéis tornaram-se modelos de representação e de posicionamento artístico e político para o Cinema Novo, principalmente, na obra de Glauber Rocha, em filmes como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1963) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), o trabalho de Sylvie Debs estabelece vários níveis de conexão entre essas duas artes, demarcando, principalmente, as ligações derivadas do uso da linguagem. Nessa leitura, se concentra a visão de que tais conexões se organizam na cinematografia nacional de modo a pontuar os vários momentos históricos e os intuitos artísticos e políticos sob os quais essas relações foram abordadas. Filmes como *Os fuzis* (1964), de Ruy Guerra, e *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos, são citados como exemplos de uma militância em comum do Cinema Novo e da literatura de cordel, na defesa do viés subversivo e libertário da arte popular, frente à dura realidade do sertão nordestino e dos preceitos da arte ocidental.

No entanto, o trabalho de Sylvie Debs se estende não só cronologicamente e estilisticamente, abordando outras cinematografias que também exploraram

o universo sertanejo e a literatura de cordel – como o cinema documental de Geraldo Sarno e Rosemberg Cariry e o cinema de animação de Ítalo Cajueiro -, como também analiticamente, por meio de investigações detalhadas de filmes, como o antológico *O homem que virou suco* (1981), de João Batista de Andrade, e *Romance do vaqueiro voador* (2007), de João Bosco Bezerra Bonfim e Manfredo Caldas. Eis que, seguindo seus próprios critérios analíticos, Sylvie Debs nos mostra como o cinema brasileiro e a literatura de cordel foram capazes de compartilhar interesses ideológicos e estéticos inscritos em aproximações como aquelas que confluíram no encontro da xilogravura com a matéria visual e a fotografia, e na interferência das questões dramáticas e narrativas do cordel na *mise-en-scène*, nas elipses e no ritmo da montagem cinematográfica.

Entretanto, é extremamente importante ressaltar a maneira como, nesse projeto ainda inconcluso, Sylvie Debs aborda uma espécie de terceira margem do jogo de espelhos entre o cinema e a literatura de cordel. Uma margem que é a própria relação poética que essas duas formas de expressão estabelecem com o Nordeste, como um “espaço épico”, um fio condutor de todas as questões lançadas através dos seus aspectos naturais e das figuras míticas que habitam o imaginário do sertão. Nesse sentido, a pesquisa de Sylvie Debs se alia a toda uma corrente de pensamento que tem sua origem no Movimento Regionalista e que, ao mesmo tempo, foi capaz de superar todas as questões puramente realistas em busca de uma visão poética e sincrética do sertão nordestino e dos seus laços ibéricos. Como nas próprias palavras da pesquisadora, o sertão é uma “terra de utopias e paradoxos”. Um ambiente que o cinema e o cordel ajudaram a retratar mediante a constante atualidade e originalidade de seus temas místicos e figuras lendárias. Um local de uma trama imaginária baseada na visão de seus personagens arquetipos e alegorias históricas. Portanto, se o cinema ainda é visto como uma das expressões mais híbridas dentre todas as manifestações artísticas existentes, o cordel é, por excelência, a síntese da riqueza multicultural de todo um mundo que está contido no próprio sertão e na autenticidade e na criatividade de seu povo.

Submetido em 14 de abril de 2015 | Aceito em 15 de abril de 2015